

O MOVIMENTO ESCALAR DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Autor: Luísa Marques Dias¹

Filiação institucional: UERJ

E-mail: luisa.mgeo@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar os principais conceitos da Economia Solidária debruçando-os, para desvendar o que é de fato a Economia Solidária a partir de uma discussão teórica. Utilizando-se de alguns conceitos da Geografia para esclarecer o caminho traçado, iremos nos concentrar nos conteúdos que a concepção de escala e de movimentos sociais nos fornece como pesquisadores, a fim de entender a escalaridade do movimento da Economia Solidária no âmbito local, mas também no contexto global. Posteriormente, iremos demonstrar, a partir de exemplos concretos, como a Economia Solidária acontece de fato, na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Economia Solidária; Escala; Movimentos Sociais

GT – 04: Economia urbana, trabalho, comércio e consumo.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UERJ, sob orientação de Dra. Regina Helena Tunes.

INTRODUÇÃO

A partir de uma discussão teórica, temos como principal intenção deste trabalho, apresentar os conceitos fundamentais da Economia Solidária e a partir daí, entender o que é a Economia Solidária e como ela funciona. Nosso debate será fundamentado no conceito de escala, pois a Economia Solidária acontece no âmbito local, mas também na esfera nacional e global. Posteriormente, conduziremos os escritos para um breve debate sobre movimentos sociais, partindo do pressuposto que o leitor tenha uma base sobre o assunto, para depois analisarmos como a Economia Solidária é exercida na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro.

A Economia Solidária (ECOSOL) é o conjunto de atividades econômicas (produção, distribuição e consumo) organizadas sob a forma de autogestão, onde os produtores são também administradores de uma empresa ou organização, tomando suas próprias decisões, não necessitando de um patrão para representá-los. A ECOSOL objetiva um modo diferente de pensar a produção e o consumo a partir da colaboração, da solidariedade e da coletividade, de forma que as relações sejam mais justas socialmente e mais sustentáveis ambientalmente.

A principal intenção da Economia Solidária é diminuir as desigualdades sociais e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Contribuindo com um mundo menos desigual e com mais oportunidades.

A partir de uma análise dos escritos de Paul Singer, podemos observar uma forte crítica ao capitalismo. Singer foi militante sindicalista e metalúrgico, se formou no curso de ciências econômicas e administrativas na Universidade de São Paulo em 1959. Ele foi o grande divulgador e propulsor das ideias de economia solidária, pois lecionava aulas na pós-graduação no curso de economia da USP, dando ênfase para o movimento anos mais tarde.

Seu interesse teórico estava envolvido no desenvolvimento econômico enquanto processo de mudança estrutural. Para ele, somente a intervenção do Estado no espaço, poderia conter e talvez reverter a concentração da desigualdade. Na economia solidária, se constitui as táticas de sobrevivência baseadas na união e ajuda mútua. Verificamos que a autogestão é a

principal chave para fomentar a economia solidária e procura superar o subdesenvolvimento através de uma distribuição de renda mais igualitária.

Também consideramos importante analisarmos o mundo atual, no qual o sistema econômico vigente, o capitalismo, gera riquezas acumulativas, provocando uma extrema desigualdade social que tem como efeito o desemprego generalizado. Para enfrentar essa realidade, o povo se organiza coletivamente a fim de reduzir as desigualdades sociais e possivelmente construir outros sistemas econômicos.

É necessário portanto, pensar coletivamente a instauração de um outro tipo de desenvolvimento. A Economia Solidária pretende elaborar essas propostas, comprometida com os princípios da cooperação, da autogestão, da solidariedade e da ação econômica, bancos comunitários, grupos de troca e de compras coletivas etc. A ECOSOL, diferente de que alguns pensam, não é uma utopia. Ela é uma experiência concreta, já disseminada no mundo ocidental e neste trabalho iremos demonstrar esse acontecimento dando o exemplo da cidade de Niterói-RJ.

ENTENDENDO A ECONOMIA SOLIDÁRIA E SEUS CONCEITOS

A Economia solidária é entendida como um movimento social e tem como teoria a mudança sócio-econômica baseada na crítica ao capitalismo. A economia capitalista é fortemente baseada na competitividade, com foco no lucro e na rentabilidade, envolvida na depreciação do meio ambiente e explorar ao máximo o trabalhador. Ao contrário desta via, a ECOSOL é o princípio da colaboração e do associativismo, funcionando na lógica do preço e do comércio justo, dedicado no princípio baseado na sustentabilidade, relação de equilíbrio com a natureza e nos valores da emancipação pelo trabalho orientados pela autogestão, sem a relação patrão-empregado que ocorre no modo de produção predominante capitalista. Portanto, é uma economia colaborativa, e não competitiva.

Apesar da economia solidária, como projeto existir a anos, ela se insere na política de maneira recente (2003) no campo da esquerda brasileira, entendendo que essa foi uma demanda de trabalhadoras e trabalhadores, apontando uma reivindicação de baixo para cima. Ela expressa uma outra forma de economia, um outro modo de distribuição, produção e consumo segundo

Singer 2002, ela é uma estratégia de viabilidade para pequenos produtores, além de possuir um caráter sócio-transformador.

A Economia Solidária é uma prática cujas relações sociais são regidas pelos valores de autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, respeito à natureza, à questão de gênero, promoção da dignidade e valorização do trabalho humano, tendo em vista um projeto de desenvolvimento sustentável, global e coletivo. Também é entendida como uma estratégia de enfrentamento da exclusão social e da precarização do trabalho, sustentada em formas coletivas, justas e solidárias de geração de trabalho e renda. (SILVA, p.19-20, 2010).

Nos anos 90 a economia solidária era uma utopia e um projeto teórico de combate à exclusão social no Brasil. Nos anos 2000, os cientistas sociais perceberam que havia uma projeção da economia solidária em curso no mundo ocidental como uma realidade concreta, a partir de projetos de geração de renda ou como emergência de alternativas por exemplo. No plano acadêmico, isso gerou uma ruptura teórica que se deslocou para o plano empírico (VIEIRA, 2005). Hoje, já existem diversos empreendimentos e feiras de economia solidária em grande expansão no Brasil.

Apesar de as origens da economia solidária estarem relacionadas ao cooperativismo do século XIX, ela desponta mais fortemente no final do século XX e o momento atual apresenta novas condições para a sua reprodução pois, em geral, as demandas das trabalhadoras e trabalhadores pouco avançaram. Nos países em desenvolvimento, a construção de uma economia centrada na autogestão pode fornecer bases para a emancipação em outras esferas.

Estudar o espaço da Economia Solidária não significa uma descrição locacional de suas ações e de suas atividades. Se o espaço geográfico é a materialidade do processo do trabalho, como concebemos na Geografia Crítica, o desafio está em analisar, interpretar e explicar as relações de trabalho que vem se estabelecendo, em paralelo, no Brasil e outras partes do mundo, como uma forma a priori, que se antepõe ao modo de produção capitalista. É preciso identificar as condições existentes para a realização de um outro modo de produção para podermos conceber um espaço produzido através de relações sociais solidárias. (GODOY, 2010, p.2)

Os princípios da economia solidária são: Cooperação, que se baseia na existência de objetivos e interesses comuns, na propriedade coletiva dos bens e na divisão dos rendimentos, podendo ser atividade familiar ou individual; Autogestão, acontece quando os participantes das

organizações executam o trabalho de produção, estratégia e coordenação protagonizando como sujeitos da ação; Dimensão Econômica, é o alicerce da economia solidária a partir de elementos econômicos que pretendem ser eficazes em conciliação com os aspectos sociais, ambientais e culturais; Solidariedade, abrange os mais diferentes níveis, como a relação com a comunidade local e com os outros movimentos sociais, preocupação social com os consumidores e trabalhadores, distribuição dos rendimentos, comprometimento com o meio ambiente, etc. (LIMA,2016).

A partir de um olhar mais amplo, a economia solidária tem como intenção a diminuição das disparidades socioeconômicas. Em tempos de crise econômica, podemos perceber maiores reivindicações populares no âmbito do trabalho a partir da proliferação de questões que afetam a classe como o desemprego, relações precárias ou similar a escravização, subemprego, aumento das categorias informais etc. portanto o espaço social, em sua dimensão material da realidade social, expressa as condições para a vida coletiva.

Na Economia Solidária, também é comum a troca direta de produtos por produtos, sem o uso intermediário do dinheiro, assim cada produtor paga apenas o custo de base da sua produção. Existem também cooperativas de grupos que fazem compras coletivas, minimizando o custo do frete e conseguindo comprar matéria prima em grandes quantidades, e assim, dividindo entre os expositores.

Os centros de comercialização dos produtos da Economia Solidária são importantes para a propagação das ideias e para fomentar o comércio justo, que além de funcionarem como um pólo aglutinador desses produtos, garantem a comercialização e o consumo consciente, servem também para promover a formação e informação dos empreendimentos por meio de oficinas temáticas. Existem também experiências coletivas que visam estabelecer outro sistema financeiro, resgatando antigas práticas de solidariedade, como por exemplo as trocas, a moeda social e os bancos comunitários.

O cooperativismo de crédito tem como princípio a autogestão de sua poupança. Nele, os fundos rotativos promovem a solidariedade e a emancipação; os bancos comunitários utilizam moedas circulantes locais; são criadas entidades de microcrédito solidário; são incentivadas as trocas solidárias, das quais participam grupos que se encontram periodicamente para oferecer seus produtos e serviços em troca de outros produtos e serviços. No cooperativismo em questão pode haver uma moeda própria decidida pelo grupo que circula apenas entre seus membros. Tais práticas vão constituindo redes de clubes de troca, e isso fortalece as relações entre

as pessoas e os grupos. São exemplos dessas experiências: bancos comunitários; cooperativas de crédito solidário; entidades de microcrédito solidário; fundos rotativos solidários; clube de trocas solidárias. (LIMA, p.15, 2016)

Os empreendimentos que se consideram como economia solidária precisam se cadastrar no fórum mais próximo de sua região e cumprir uma série de condições necessárias para se tornarem Empreendimentos de Economia Solidária (EES). Nesses locais é realizado o cadastro de novos empreendimentos, além de cursos de capacitação, ministrado pelos próprios integrantes da ECOSOL. Essas ações fortalecem e promovem o trabalho coletivo, além de oferecer condições para o desenvolvimento territorial com ampla participação da sociedade civil. São espaços permanente de exposição e comercialização para os EES. Espaços que reúnem, organizam e constroem a luta das trabalhadoras e trabalhadores da ECOSOL, atendendo diversos segmentos e experiências de agricultura familiar e orgânica, pesca artesanal, maricultores, catadores de material reciclável, cooperativas de reciclagens, incubadoras de tecnologia, clubes de troca, experiências de finanças solidárias, artesanato, gastronomia, moda, bebidas artesanais, cultura, literatura e demais formas de associativismo.

O fórum ECOSOL aceita apenas que os Empreendimentos cadastrados sejam produtores do seu próprio produto, impedindo a revenda da mercadoria de terceiros, no intuito de suspender que existam intermediários ou atravessadores na produção, estreitando laços do consumidor diretamente com o produtor. Nesse sentido, quando há essa aproximação do consumidor com o produtor, este último pode explicar etapas do processo da fabricação e esclarecer os tipos de materiais utilizados, estreitando vínculos com os clientes, cativando-os.

Quando o conceito de Economia Solidária se expande na última década, ganhando visibilidade nos estudos acadêmicos e repercutindo socialmente, ele se torna um pólo aglutinador de várias práticas e atividades, articulando diversas experiências em torno de um movimento mais amplo. “Trata-se de um movimento que será marcado pelo cenário de exclusão gerado pelo capitalismo e pela luta dos trabalhadores no enfrentamento desta exclusão, consolidando-se na busca de alternativas para mitigar a pobreza gerada”. (SILVA, p.32, 2010). O que podemos destacar como importante de toda essa reflexão, é que a Economia Solidária não fica limitada apenas na esfera econômica, ela também pressupõe mudanças nas relações culturais e sociais, com o objetivo de remodelar paradigmas.

OS CAMINHOS ESCALARES MEDIANTE OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Sobre o conceito de movimentos sociais iremos nos basear na definição de Alberto Melucci (1989). O autor enfatiza que é necessário identificar a capilaridade dos movimentos, pois enquanto alguns pretendem mudar a estrutura social e combater o sistema de dominação, outros também buscam interesses culturais e identidades coletivas, que não são bens mensuráveis nem calculados, através de redes de movimentos e lutas por reconhecimento (MELLUCI, 1989).

Para enriquecer nosso diálogo, podemos usufruir das contribuições de Raul Zibechi (2015) quando este alerta que precisamos decolonizar nosso pensamento acerca dos movimentos sociais pois eles não seguem uma teorização específica da definição de movimento, mas exercem de fato um papel importante de mudança social, principalmente no contexto latino-americano com conflitos completamente particulares e distintos. O autor escreve que no caso latino-americano temos uma realidade social, cultural e política diferente, na qual os movimentos seguem um enfoque territorial.

Na América Latina, os movimentos não necessariamente se constroem a partir de uma maneira pré figurativa. Ou seja, mais importante do que analisar os movimentos sociais conforme sua estrutura organizacional (como parte das abordagens clássicas dos estudos sobre movimentos sociais fazem), é perceber que as relações sociais são estabelecidas no cotidiano do território, já que eles sofrem constantes mudanças e estão literalmente “em movimento”.

Porto-Gonçalves (2006) auxilia a análise dos movimentos sociais vendo-os enquanto uma categoria geográfica/espacial. O autor indica que os movimentos sociais buscam, em sua maioria, ocupar mais espaços, além de serem portadores de novas territorialidades. Carregam em si as contradições inscritas no espaço-tempo, bem como os conflitos, que são considerados dimensões constituintes da vida social. Dessa forma, re-significam o espaço, reinventando a sociedade, estabelecendo novas relações humanas impondo uma outra espacialidade. Na busca de uma alternativa metodológica, ele ainda propõe uma redefinição sobre o conceito de escala e aponta que as escalas políticas são o motor para a ação transformadora dos movimentos sociais, que por meio de sua força política e sua capacidade de articulação viabilizam a luta, já que “movimento é, literalmente, mudança de lugar (...)” (PORTO-GONÇALVES, p.21, 2006).

Alguns desses movimentos por meio de suas articulações políticas transcendem o seu local imediato de atuação e se articulam com grupos de outros municípios, estados e países. Não falamos mais em análises centradas apenas no Estado-Nação, mas também em reconhecer e prestigiar novas escalas de análise. De fato, isso demonstra como as escalas se articulam por meio de ações conjuntas em outros locais e ligadas a outras experiências, atingindo outras áreas, deixando explícito que as relações sociais não ficam confinadas apenas dentro do âmbito local. Masson (2006) nos informa que é preciso reformular o conceito tradicional de escala, ampliando nossa visão para as relações sociais que são difundidas no espaço e atravessadas por escalas.

Diante disso, a escala não deve ser pensada a partir de uma teorização de conceitos pré-determinados, e sim como uma propriedade espacial das relações sociais, uma dimensão dos processos sociais, já que escalas são socialmente produzidas através dos processos de ação e de luta. Se os movimentos sociais são produtores do espaço, já que o espaço é fruto das relações sociais, portanto todas as relações sociais são espacializadas (MASSON, 2006). Ou seja, é mais instigante destacar as relações e os processos que constituem os movimentos sociais na sua compressão ou extensão.

Percebemos o potencial da escala na sua dimensão espaço-temporal nos processos de ação coletiva, onde a comunicação com outros movimentos é fundamental para o fortalecimento do grupo, costurando teias de relacionamentos, ampliando sua rede de mudança social a fim de praticar saberes em redes, em um sentido emancipatório-horizontal. Lacoste (2012) já expressava isso através da ideia de “espacialidade diferencial”, que se manifesta a partir da proliferação das representações espaciais e pela multiplicação dos problemas referentes ao espaço tornando-o mais complexo, quando afirma que “(...) as práticas sociais se tornaram mais ou menos confusamente multiescalares” (LACOSTE, p.47, 2012). Vivemos numa espacialidade diferencial quando esta se manifesta a partir da proliferação das representações espaciais e pela multiplicação dos problemas referentes ao espaço. Portanto, escalas não são entidades discretas que podem ser estudadas separadamente, elas estão inter-relacionadas.

Nesse sentido, a Economia Solidária atinge várias nuances em diferentes escalas, como por exemplo para se propor uma política pública de ECOSOL, os fóruns locais se reúnem nas plenárias anuais, levam suas demandas e representantes para os fóruns estaduais, depois são

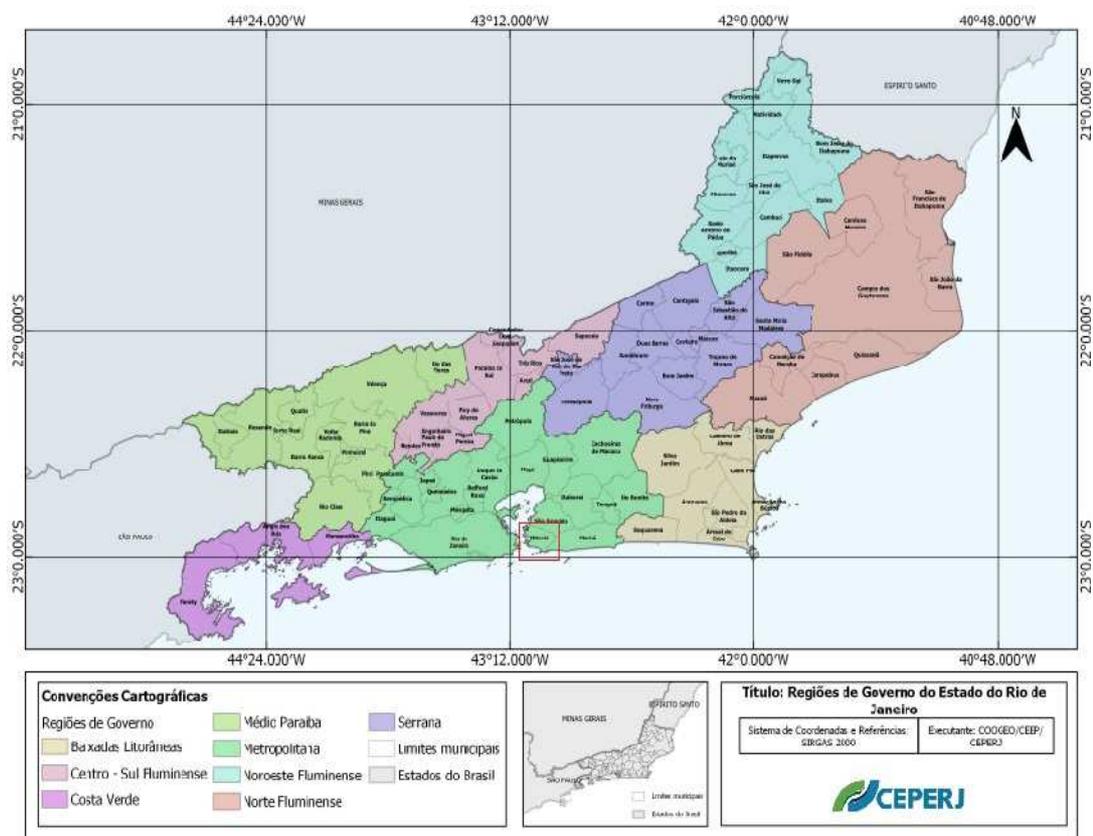
direcionados para os fóruns macro-regionais e posteriormente para o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). A criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária é resultado do I Fórum Social Mundial. “O FBES busca a confluência entre as forças existentes no movimento de economia solidária e sua participação ativa em comitês, grupos de trabalho, no Conselho Nacional de Economia Solidária, junto ao legislativo e em outras instâncias de proposição e construção de políticas públicas” (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA). Pretende contribuir com o movimento a partir da base, no diálogo, na criação e implementação das demandas.

Depois de caracterizarmos e entendermos o funcionamento da economia solidária no Brasil e suas ações escalares, iremos nos debruçar sobre as ações da ECOSOL no âmbito local, mais precisamente na cidade de Niterói, situada no estado do Rio de Janeiro.

EXPERIÊNCIAS CONCRETAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NA CIDADE DE NITERÓI-RJ

A cidade de Niterói está localizada na Região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. o Fórum de Economia Solidária de Niterói foi fundado em 2009, com o intuito propagar e fortalecer os princípios da Economia Solidária para contribuir com o movimento. De acordo com o censo demográfico do IBGE de 2021, a cidade possui uma área territorial de 133.757 Km² e uma população estimada de 516.981 pessoas. No mapa abaixo, é possível visualizar todos os municípios do Rio de Janeiro, com um quadrado em vermelho destacando o município de Niterói.

Figura 1: Mapa de municípios do Rio de Janeiro



Fonte: CEPERJ. Mapas das Regiões de Governo do Estado do Rio de Janeiro. Autor: COOGEOD, 2021.

Adaptado por: DIAS, Luísa.

Nota: Em destaque adaptado em vermelho para o município de Niterói.

Uma conquista do movimento de economia solidária de Niterói é a Casa da Economia Solidária Paul Singer, conhecida como “Casa Azul”, fica no centro de Niterói e foi oficialmente inaugurada em 25 de julho de 2019, mas funciona desde agosto de 2018. Caracterizado como um espaço multifuncional de caráter comunitário, nesse local é realizado o cadastramento de

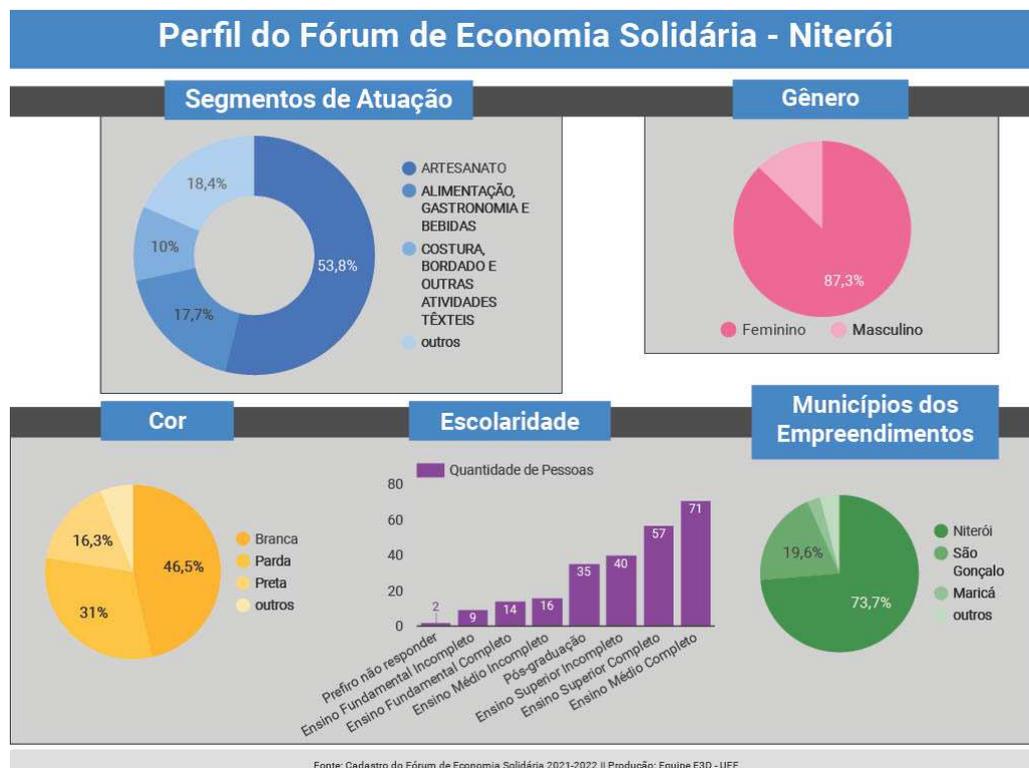
novos empreendimentos, cursos de capacitação, fortalecem e promovem o trabalho coletivo, além de oferecer condições para o desenvolvimento territorial com ampla participação da sociedade civil, é um espaço permanente de exposição e comercialização para os empreendimentos. Um espaço que reúne, organiza e constrói a luta das trabalhadoras e trabalhadores da ECOSOL, atendendo diversos segmentos dos Empreendimentos da Economia Solidária.

Atualmente a cidade de Niterói possui seis espaços de comercialização dos produtos da Economia Solidária, conhecidos como “Circuito Arariboia”, são eles: a casa Paul Singer, popularmente chamada de “Casa Azul”, com endereço fixo no centro da cidade, funcionamento de segunda a sexta feira; a feira Cesar Tinoco no bairro do Ingá, acontece todas as quartas-feiras de 7h às 14h; feira no terminal João Goulart no centro da cidade, acontece quinzenalmente as quintas-feiras de 8h às 18h; a feira do Campo de São Bento em Icaraí, de 7h às 14h quinzenalmente aos sábados; a feira da Praça das Amendoeiras localizada na praia de Itaipu, funciona de 8h às 16h todos os sábados e a feira da Praça das Águas no centro, quinzenalmente as sextas-feiras de 8h às 14h. (FÓRUM DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DE NITERÓI). Além dos espaços fixos, existem as divulgações feitas nas redes sociais, com o intuito de agregar mais adeptos para fomentar o comércio. Destacamos abaixo, um trecho do Facebook da Prefeitura de Niterói com esta intenção:

As feiras compõem a Política Municipal de Economia Solidária de Niterói, sancionada em 20 de janeiro de 2020. Trata-se de uma série de estratégias de desenvolvimento solidário e social de forma justa e sustentável. Fruto de uma luta constante do Fórum de Economia Solidária de Niterói, uma rede de trabalhadores e empreendimentos de economia solidária, militantes e entidades de apoio e fomento que se organizam, articulando diversas ações que acontecem na cidade. (PREFEITURA DE NITERÓI, 2021)

A partir de uma pesquisa para desvendar o perfil ativo do Fórum Ecosol Niterói de acordo com o gênero, cor, escolaridade, municípios atendidos e os segmentos de atuação, foram elaborados gráficos a fim de quantificar as informações para facilitar a compreensão das demais representações que o Fórum possui.

Figura 2: Desvendando o Perfil do Fórum de Niterói



Fonte: Fórum de Economia Solidária de Niterói, 2022

A maior parte dos empreendimentos Solidários são conduzidos por mulheres, que trabalham com artesanato ou no ramo alimentício, criando uma emancipação econômica e emocional, principalmente para as que sofrem violência doméstica ou aquelas que não conseguiram concluir seus estudos. A força feminina foi ganhando espaço social e muitas vezes transformada em liderança das comunidades. Existem Empreendimentos Solidários que envolvem famílias inteiras, além de ser uma renda, contribuem para a sustentação econômica

de suas casas pois em sua grande maioria são elas as provedoras, buscando a soberania financeira. Acreditamos que esse perfil feminino não se restringe apenas a cidade de Niterói, mas acaba por se propagar pelo país.

Com a pandemia do Covid-19 no Brasil, houve a suspensão imediata das feiras livres no mês de março de 2020. Esse momento afetou consideravelmente os produtores da ECOSOL, em especial os produtores de alimentos orgânicos, que tiveram que encontrar meios alternativos para escoar sua produção. Impactou economicamente também, todos os outros segmentos do ramo de artesanato e gastronomia, pois diversos empreendimentos têm na ECOSOL, sua única fonte de renda.

Também durante a pandemia, segundo os organizadores, cresceu consideravelmente o número de Empreendimentos Solidários cadastrados, necessitando mais espaços de comercialização na cidade de Niterói. Percebemos a necessidade de as pessoas estarem nas feiras para escoar a sua produção. Imaginamos que esse aumento no número de pessoas cadastradas, deva ser motivado pelo crescimento do desemprego generalizado.

De acordo com esta constatação atual, uma das críticas que o Paul Singer chama a atenção é para a exclusão social que ele considera como elemento inerente ao capitalismo. Nessa linha, ele ainda destaca para a existência de um desemprego estrutural, agravado pelo desenvolvimento tecnológico e a desindustrialização, portanto uma precarização do trabalho.

Talvez a principal diferença entre economia capitalista e solidária seja o modo como as empresas são administradas. A primeira aplica a heterogestão, ou seja, a administração hierárquica, formada por níveis sucessivos de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima e as ordens e instruções de cima para baixo.” (SINGER, p.16-17, 2002)

Já uma empresa solidária, se administra democraticamente através da autogestão. “As ordens e instruções devem fluir de baixo para cima e as demandas e informações de cima para baixo.” (SINGER, p.18, 2002), então a autogestão exige um esforço adicional dos trabalhadores que além de fazer o seu trabalho, precisa se preocupar com os problemas gerais da empresa.

Entender a Economia Solidária é um esforço intelectual intenso, pois mesmo os estudiosos mais renomados ainda estão construindo bases teóricas para explicar essa realidade, ainda que em parte. Por se tratar de uma sistematização de ideias ainda recentes, datada da década de 1990, e apesar de sabermos que estas práticas já estão presentes nas experiências de algumas comunidades há muito mais tempo, embora sem essa

denominação ou mesmo sem um pensamento estruturado a respeito, todo o conhecimento acumulado até o momento ainda não dá conta de afirmar categoricamente se essa é ou não uma outra economia, diferente daquela preconizada pela acumulação ampliada do capital. (Godoy, 2010, p.3)

Há um movimento de economia solidária em construção no Brasil, que legitima as inúmeras experiências e práticas solidárias no cenário da produção, comercialização, formação e finanças. Articula lutas políticas e tem como horizonte de perspectiva, um novo projeto de sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as reflexões mencionadas acima, verificamos que o conceito de Economia Solidária almeja uma sociedade mais justa e igualitária, através das práticas de solidariedade, autogestão e a cooperação. Para concretizar esse caminho, é preciso modificar o atual sistema vigente capitalista.

Paul Singer afirma que o resultado natural dos princípios do capitalismo é a competição e a desigualdade, já “A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual.” (SINGER, p.10, 2002), o resultado natural desse processo seria uma sociedade mais igualitária a partir de uma redistribuição solidária da renda.

Com base em nossa compreensão sobre os movimentos sociais, em especial da América Latina, percebemos uma necessidade da ação em escala desses movimentos, justamente para se fortalecerem, crescerem e se disseminarem. Nesse sentido, é notável a ampliação e articulação escalar do movimento de economia solidária ao redor do mundo, ainda que com nomenclaturas distintas. Verificamos que o movimento cresceu e se fortaleceu. Cabe enfatizar que essa economia solidária não é algo novo, são práticas antigas com uma nova roupagem. Precisamos refletir sobre nossas realidades e diversidades, na intenção de colocar em lugar de destaque os sujeitos para serem os protagonistas das ações coletivas e reconhecer o seu poder de transformação social.

Estudar Economia Solidária é importante nesse processo formativo porque ela é originária das lutas e bandeiras defendidas pela classe trabalhadora organizada por meio dos seus movimentos sociais, a partir de princípios e práticas que marcam e marcaram a história dos povos do campo no Brasil.

Atualmente, a chamada Economia Solidária se apresenta como uma alternativa ao modelo econômico vigente, ou seja, um outro modo de vida, diferente do modelo capitalista que, em vez de distribuir as riquezas produzidas, gera desigualdade para a maioria da população e destruição do meio ambiente. (BRASIL, 2010 p.16).

A partir das nossas necessidades urbanas, temos a cidade como objeto cultural e de lazer, calcada na arte, na pintura, na música, na escultura, nos esportes, nas performances artísticas etc. abrangendo o espaço lúdico que coexiste com espaços de trocas e de circulação, a partir dos encontros com o espaço político e cultural (LEFEBVRE, 2001, p.132). Portanto, exercer nosso direito fundamental de cidadãos e termos acesso aos espaços de comércio, lazer e cultura.

Frente as disputas de produção do espaço urbano, a economia solidária pretende uma mudança radical na estrutura e na conjuntura que vivenciamos, na intenção de criar uma sociedade mais justa e igualitária. Ela tem a intenção de instaurar um novo sistema social e econômico, com uma oferta de oportunidades muito mais vantajada em comparação ao que o sistema atual permite. É viver de forma digna, e com qualidade.

No entendimento das disputas que ocorrem no entorno da produção social do espaço urbano capitalista, a Economia Solidária busca encontrar maiores possibilidades de atuação. É importante salientar que os agentes abordados ao longo do presente trabalho, também disputam a produção do espaço com outros agentes e por isso suas ações se tornam de interesse para as pesquisas em geografia urbana. Segundo o autor Roberto Lobato Corrêa, o espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e um campo de lutas” (CORRÊA, p.9, 1989).

Esses agentes são responsáveis pelo espaço produzido, que é resultado das construções sociais. Por fim, entendemos a Economia Solidária como uma alternativa de geração de trabalho e renda, com o objetivo de incluir socialmente mais pessoas. Ela é uma estratégia política de desenvolvimento socioeconômico. Deixamos como reflexão, estratégias e experiências de como contrapor o sistema capitalista e mudar as estruturas sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Economia Solidária: Caderno pedagógico educandas e educandos. Coordenação: Armênio Bello Schmidt, Sara de Oliveira Silva Lima, Wanessa Zavarese Sechim. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989

GODOY, Tatiane Marina Pinto. O espaço e o tempo da economia solidária. Revista bibliográfica de Geografía y ciencias sociales. Vol. XV, nº 886, 2010.

LACOSTE, Yves. A Geografia – Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra. São Paulo: Papirus, 2012

LEFEVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro. 2001

LIMA, Cláudia. Boas práticas em economia solidária no Brasil. In.: Centro de Estudos de assessoria, Brasília: Fórum Brasileira de Economia Solidária, 2016.

MASSON. Dominique. Escala geográfica e transnacionalização: análise sobre movimentos sociais e de mulheres. CADERNO CRH, Salvador, v. 19, n. 48, p. 445-459, Set./Dez. 2006.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Lua Nova, n.17, junho de 1989.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. In: SEOANE, Jose. Movimentos sociales y conflicto em América latina. Bueno Aires: CLACSO, 2006.

SILVA, Andréia Vieira da. Economia solidária: uma estratégia política de desenvolvimento. 2010. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. 1ª ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

VIEIRA, Fabiano Mourão. Coerência e aderência da economia solidária: um estudo de caso dos coletivos de produção do MST em Mato Grosso do Sul. 2005. Tese. (Doutorado em Teoria Econômica) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, 2005.

ZIBECHI, Raúl. Territórios em resistência: Cartografia política das periferias urbanas latino-americanas. 1 ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

SITES:

Biografia Intelectual – Paul Singer. Disponível em: <<http://paulsinger.com.br/biografia/>>

Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: <<https://fbes.org.br/o-fbes/>>

Fórum de Economia Solidária de Niterói. Disponível em: <<https://www.ecosolniteroi.org/circuito-arariboia>>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Cidades e Estados. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/niteroi.html>>

Prefeitura de Niterói. Circuito Arariboia promove feiras virtuais e presenciais em Niterói!. Rio de Janeiro, 25 de agosto. 2021. Facebook: prefeituradeniteroi. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile/100064323176561/search/?q=Economia%20Solid%C3%A1ria>> Acesso em 30/5/2022.